

# DEPOIMENTOS

## O Português e a unidade do mundo

---

JOSÉ GUEDES PINTO MACHADO

*Engenheiro Civil (I.S.T.)*

---

No ano de 1961 a Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin concluía a sua semana, de trabalhos, em Vezeley, com o seguinte apelo:

«Plenamente conscientes do perigo de destruição total que impende sobre a humanidade, a Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin considera seu dever tomar uma atitude capaz de dar início à cessação da guerra fria e de elevar, pela definição duma panorâmica de ordem superior, o nível dos debates internacionais. Daí o propor que tão rapidamente quanto possível se reúnem as notabilidades intelectuais de intenção humanista dos E.U.A. e da U.R.S.S., para o efeito devidamente creditadas pelos governos, e com o objectivo e propósito de estudarem em comum as directrizes advogadas por Teilhard de Chardin para construir uma Terra digna do Homem.

Este primeiro encontro fraternal entre os pensadores de primeira linha destas duas grandes Nações, que se rivalizam, poderia congregar, num próximo futuro, os pensadores de outros países e, deste modo, reunidos conseguirem transformar, colectivamente, as actuais correntes de oposição em correntes convergentes, e assim fazer das forças de ódio, forças de amor. Neste momento em que a humanidade parece estar a tornar-se adulta é recomendável que se proporcionem ensejos de confrontação, frente a frente, de todas as raças e de todos os povos».

A semana referida havia-se realizado sob o tema «Construir a terra». Senghor que para ela preparou uma

conferência deu a sua preferência, em a designar por «Edificação da Civilização do Universo».

Nessa sua conferência ele exalta o alto preço, aliás natural, em que entende ser tida a «Negritude» e insiste na conveniência de a ver «participar» na Edificação da Civilização Universal. Reconhece a contribuição que as ideias de Marx deram à tomada de consciência dos povos de raça negra quanto à «alienação», mas não adere, nem à sua filosofia nem a sua «praxis» que considera não contemplarem os anseios da alma negra. Para ele o Marxismo-Leninismo não é mais que o Marxismo adaptado ao caso russo e o Marxismo-Socialismo Científico vê-o como o produto do Racionalismo Greco-Latino repensado por um cérebro judeu-alemão e adaptado à situação da Europa Ocidental nos meados do século XIX. Além disso aponta-lhe o defeito de não incluir expressamente na sua «praxis» todo o restante mundo que está para além da Europa Ocidental e vive e sofre em outros continentes. Afóra estas objecções Senghor não aceita que sejam considerados, apenas, «ecos do materialismo» os valores afectivos, religiosos, morais, artísticos que entende participarem na sua Weltanschauung. No seu ponto de vista estes muitos impasses, e variadíssimas contradições que nos angustiam por não conseguirmos dar-lhe resposta satisfatória e que nem o Marxismo conseguiu resolver, encontram pelo contrário, na visão de Chardin, um caminho, de esclarecimento que se mostra promissor em esperanças. O Homem nessa visão, é, em si mesmo, um «Fenómeno Cósmico». Em toda a partícula da «Weltstoff» existe matéria, energia e consciência que se transmutam entre si, e as mais densas em consciência são as que constituem o cérebro do Homem. A história da Terra segundo Chardin, é reveladora de um fenómeno

de «densificação», de certo modo oposto ao fenómeno da entropia, que faz com que a vida tenha vindo a estruturar-se em formas de maior complexidade, desde as mais simples, desde, mesmo, uma pré-vida, até ao Homem tal como hoje existe. Nestas condições este nunca poderá ser autenticamente compreendido e concretamente definido sem o analisarmos integrado na Evolução Cósmica em que participa e na qual se formou.

Qual será, no quadro dessa evolução, o devir do Homem? É a pergunta pertinente que naturalmente, decorre. Para já constata-se que a quantidade de homens na Terra tem vindo a aumentar em proporções desmedidas e que esse fenómeno é causa das profundas transformações que se vêm realizando. Chardin ponderou estes e outros factos e analisou as transformações que se deram no passado, concluindo estar a humanidade a entrar no limiar da fase, irreversível, que a conduzirá por sucessivas etapas, embora ao longo de um número inestimável de anos, e por um gradual aumento do potencial da Noosfera, à Unidade sobre a Terra.

Este caminhar não deixa de suscitar preocupações. Obviamente toda a transformação é feita sob pressão demográfica e se os homens não se entenderem fraternalmente, em especial nos períodos em que esta mostra mais agressividade, corre-se, na verdade o perigo de grandes sofrimentos. Chardin esteve consciente deste risco e por isso o advertiu acrescentando que para o evitar haveria que a luta do homem ser dirigida no sentido de extrair da Terra os bens que ela encerra, e aí estão postos, talvez até pela divindade, e nunca no sentido e propósito egoísta de uns aos outros se roubarem no que hajam dela extraído.

Na caminhada para tornar o Mundo Uno, o povo português tem desempenhado desde há vários séculos um papel de que nos devemos sentir honrados. Por ventura não há outro povo que tenha melhor servido essa causa. Mostrámos primeiramente ao Mundo a sua dimensão física e a existência de outros povos com maneiras particulares de ser, quando navegámos por esses mares fora. Depois fizemos ainda mais, caldeamo-nos

com muitos desses povos contribuindo assim, concretamente, para a aproximação das raças condição indispensável à formação da unidade do Mundo. Arnold Toynbee, insuspeitamente independente, não teve pejo em afirmar que «depois de Cristo nenhum outro povo fez mais pela fraternidade humana que o português». O Brasil é certamente o exemplo mais concreto e indiscutível do que o português fez no sentido da unidade do Mundo, mas há ainda outros testemunhos, bem positivos, dessa sua acção em outras partes, em África e até no Oriente.

A certeza da importância da obra realizada pelo nosso povo para a Unidade do Mundo novo, como referiu Gilberto Freire com «uma capacidade única de nos outros, se perpetuar, dissolvendo-se neles a ponto de parecer ir perder-se nos sangues e nas culturas estranhas, mas ao mesmo tempo comunicando-lhes tantos dos seus motivos essenciais de vida e tantas das suas maneiras mais profundas de ser, que, passados séculos, os traços portugueses se conservam, na face dos homens e na fisionomia das casas, das igrejas, dos móveis, dos jardins, das embarcações, das formas de bôlos», deve encher os nossos corações de alegria e de orgulho. Todo o português deveria tomar consciência deste facto real, que é duma verdade incontroversa à luz dos tempos presentes em que a caminhada para a formação dum Mundo Unificado já está em marcha e é irreversível, e conscios de um dever bem cumprido, não mais darmos motivo a que sejamos retratados como Oliveira Martins o fez na parte final de sua História de Portugal, em que diz: «sermos um povo que não só desconhece o patriotismo- que não só ignora o sentimento espontâneo de respeito e amor pelas suas tradições, pelas suas instituições, pelos seus homens superiores; que não só vive de copiar, literária e politicamente, a França, de modo servil e indiscreto; que não só não possui uma alma colectiva; — mas se compraz em escarnecer de si próprio, com os nomes mais ridículos e desdêns mais burlescos» ■